



Miúda Online

ZOE SUGG



TOPSELLER

Zoe Sugg, também conhecida como Zoella, é uma *vlogger* de 24 anos natural de Brighton, no Reino Unido. Os seus *vlogues* de beleza, moda e estilos de vida valeram-lhe milhões de subscritores no *YouTube*, e são cada vez mais os que visualizam os *vlogues* todos os meses. Em 2011, venceu o Blog Award da *Cosmopolitan* para o Blogue de Beleza Mais Bem Arquitetado e no ano seguinte recebeu o galardão de Melhor *Vlogger* de Beleza. Zoe recebeu também o prémio de Melhor *Vlogger* Britânica nos Radio 1 Teen Awards de 2013 e o prémio Nickelodeon Kid's Choice de 2014 para a *Vlogger* Favorita do Reino Unido, tendo sido também nomeada Estrela da Internet na categoria de Moda e Beleza nos Teen Choice Awards de 2014.

*Quero dedicar este livro a todas as pessoas que o tornaram possível.
Aqueles que subscreveram o meu canal, que viram os meus vídeos
e leram o meu blogue, quer tenha sido em 2009 ou no dia de ontem.
O vosso apoio significa literalmente tudo para mim.
Não há palavras que descrevam o quanto adoro cada uma de vós.
Se não existissem, este livro não estaria na vossa mão.*

★ ★ ★ *Há um ano...* ★ ★

22 de novembro

Olá, Mundo!

Resolvi criar um blogue.

Este blogue.

Porquê?, perguntarão.

Sabem quando se abana uma lata de *Coca-Cola* e depois se abre e aquilo explode por todo o lado? Bem, é assim que me sinto agora. Tenho tantas coisas que quero dizer a borbulhar dentro de mim, mas não sinto confiança para as expressar em voz alta.

O meu pai disse-me uma vez que eu devia começar a escrever um diário. Afirmou que ter um diário é uma ótima maneira de expressar os nossos pensamentos mais íntimos. E disse também que haveria de ser fantástico voltar a lê-lo quando fosse mais velha, porque iria «fazer-me dar realmente valor aos meus anos de adolescência». Humm, é evidente que ele já não é adolescente há tanto tempo que já se esqueceu de como foi.

Mas eu até tentei... escrever um diário. Consegui escrever umas três entradas, antes de desistir. A maioria era qualquer coisa deste género:

Hoje choveu; os meus sapatos novos ficaram estragados. A Jenny pôs a hipótese de faltar a Matemática. Não faltou. O John Barry deitou sangue do nariz na aula de Ciências porque espetou um lápis pelo nariz. E eu ri-me dele. Ele não ficou impressionado. Foi constrangedor. Boa noite.

Não era propriamente o diário da Bridget Jones, pois não? Era mais do tipo: «não me apetece.»

Na verdade, a ideia de escrever coisas para mim mesma num diário parece-me um bocadinho escusada.

Eu quero sentir que há alguém, algures, que vai poder ler aquilo que tenho para dizer.

Foi por isso que decidi dar uma oportunidade a este blogue — para ter um sítio onde possa dizer exatamente aquilo que quero, quando me apetecer e da maneira que eu quiser, a *alguém*. E sem ter de me preocupar com o facto de o que eu digo não parecer fixe ou de eu poder fazer má figura ou até perder os meus amigos.

E é por isso que este blogue é anónimo.

Para eu poder ser eu própria sem restrições.

O meu melhor amigo, o Wiki (*não é esse o seu nome verdadeiro, mas não posso dizer mesmo como se chama, senão isto deixa de ser anónimo*), diria que o facto de eu ter de me manter anónima para ser eu própria constitui uma «tragédia épica». Mas que sabe ele? Ele não é uma miúda adolescente com problemas de ansiedade. (*Na verdade, é um rapaz adolescente que tem problemas com os pais, mas essa é outra história.*)

Às vezes pergunto-me se os meus problemas de ansiedade se deverão ao facto de eu ser adolescente. Convenhamos que há muita coisa que nos deixa ansiosas.

Dez Principais Motivos para as Adolescentes Ficarem Ansiosas

1. Temos de estar sempre com um aspeto perfeito.
2. Isto coincide com a altura em que as nossas hormonas enlouquecem.
3. O que leva ao período mais inconstante de toda a nossa vida (*impossibilitando por completo o ponto número 1*).
4. O que também coincide com a primeira vez em que tivemos liberdade para comprar chocolate sempre que nos apetecesse (*piorando ainda mais o ponto número 3*).
5. De repente, toda a gente se preocupa com o que vestimos.
6. E o que vestimos também tem de parecer perfeito.
7. Ainda precisamos de saber posar como uma supermodelo.
8. Para podermos tirar uma *selfie* com a indumentária do dia.
9. Que depois terá de ser publicada numa rede social, para todos os nossos amigos verem.

10. E a ideia é sermos ferozmente atraentes para o sexo oposto (*enquanto lidamos com tudo o suprarreferido*).

Por esta altura, imaginem-me, por favor, a dar um suspiro dramático e sentido.

Mas certamente não serei a única adolescente a sentir-se assim, pois não?

Tenho o sonho de que, secretamente, todas as adolescentes se sintam tal e qual como eu.

E talvez um dia, quando todas nos apercebermos de que sentimos o mesmo, possamos parar de fingir que somos uma coisa que não somos.

Isso seria espetacular.

Mas, até esse dia chegar, vou usar da sinceridade neste blogue. E continuar a não ser sincera na vida «real».

Vou dizer o que me apetecer, e seria bem fixe se vocês (*sejam lá quem forem*) se juntassem a mim.

Este poderá ser o nosso cantinho na Internet, onde vamos poder falar do que é verdadeiramente ser uma miúda adolescente — sem termos de fingir ser aquilo que não somos.

Eu também adoro tirar fotos (*não acham o máximo a maneira como as fotografias conseguem fazer os momentos especiais pararem no tempo para sempre? Um belo pôr do sol, festas de aniversário, cupcakes de caramelo salgado com cobertura...*), portanto vou publicar muitas. Mas, como é óbvio, não haverá *selfies*, por uma questão de anonimato.

Pronto, acho que é tudo por agora. Obrigada por me lerem (*se é que alguém esteve mesmo a ler!*). E façam-me chegar as vossas ideias nas caixas de comentários em baixo.

A Miúda Online fica offline xxx

★ ★ Capítulo Um ★ ★

No dia de hoje...

Olá, Penny. Sabes que há quem diga que o William Shakespeare nunca existiu?

Olho para a mensagem de texto do Elliot e suspiro. Durante o tempo em que estive a assistir ao ensaio geral do *Romeu e Julieta* (três horas da minha vida que *nunca* irei recuperar), o Elliot bombardeou-me com centenas de mensagens aleatórias sobre Shakespeare. A ideia dele é aliviar o meu tédio, mas, falando a sério, alguém precisa realmente de saber que o Shakespeare foi batizado em 1564? Ou que teve sete irmãos?

— Penny, podes tirar uma foto da Julieta a debruçar-se da rulote?

Agarro rapidamente na máquina fotográfica e assinto com a cabeça ao professor Beaconsfield.

— Sim, senhor.

O professor Beaconsfield é o docente de teatro do 11.º ano. É um daqueles professores que gosta de «descer ao nível dos miúdos» — todo numa de gel no cabelo e «tratam-me por Jeff». É também ele a razão para a nossa versão do *Romeu e Julieta* se passar num *ghetto* de Brooklyn e a Julieta estar debruçada de uma rulote em vez de ser de uma varanda. A minha MAE (Melhor Amiga da Escola), a Megan, adora o professor

Beaconsfield, e a verdade é que ele a escolhe sempre para os papéis principais. Pessoalmente, acho-o um bocadinho sinistro. Os professores não deviam querer andar por aí na companhia de adolescentes. Deviam antes querer dar notas e preocupar-se com inspeções escolares, ou seja lá o que eles fazem na sala dos professores.

Subo os degraus na escada lateral do palco e agacho-me por baixo da Megan. Ela tem um boné de basebol a dizer SWAG e uma corrente de ouro falso com um enorme e dourado símbolo do dólar pendurada ao pescoço. Nunca na vida ela se deixaria ver, nem morta, com aquela indumentária num outro sítio qualquer. Mas a sua adoração pelo professor Beaconsfield chega a este ponto. Estou prestes a tirar uma fotografia, quando a Megan me cicia.

— Vê lá se não me apanhas a borbulha.

— O quê? — sussurro em resposta.

— A borbulha que tenho no nariz, de lado. Vê lá se não aparece na fotografia.

— Ah, está bem. — Chego-me para um lado e faço *zoom*. A luminosidade deste lado não é a melhor, mas pelo menos não se vê a borbulha. Tiro a fotografia e viro-me para sair do palco. Nesse momento, olho de relance para o auditório. Tirando o professor Beaconsfield e os dois diretores-adjuntos, os lugares estão todos vazios. Dou um instintivo suspiro de alívio. Dizer que não me dou muito bem com multidões seria um bocado como dizer que o Justin Bieber não se dá muito bem com os *paparazzi*. Não sei como é que as pessoas conseguem atuar em palco. Eu só precisei de lá subir por uns segundos para tirar uma foto, e mesmo assim já me senti pouco à vontade.

— Obrigado, Pen — diz o professor Beaconsfield, enquanto eu me apresso a descer os degraus. Mais uma característica arrepiante nele: a maneira como nos trata a todos por diminutivos. Convenhamos, a sério! Que a minha família o faça, tudo bem; mas não os meus professores!

No preciso instante em que regresso ao meu porto seguro na parte lateral do palco, o meu telefone torna a apitar.

**Oh, meu Deus. No tempo do Shakespeare,
a Julieta era representada por um homem!**

Tens de contar ao Ollie — eu adorava ver a cara dele! 😊

Levanto os olhos para o Ollie, que de momento olha fixamente para a Megan.

— Mas, calma! Que luz irrompe por aquela janela? — diz ele, com o pior sotaque nova-iorquino de sempre.

Não consigo evitar um suspiro. Embora o Ollie esteja vestido com um fato ainda pior que o da Megan — que o faz parecer um cruzamento entre um convidado do programa do Jeremy Kyle e o Snoop Dogg —, mesmo assim, ainda consegue estar giro.

O Elliot detesta-o. Acha que o Ollie é muito vaidoso e chama-lhe *Selfie* Ambulante, mas a verdade é que ele não o conhece bem. O Elliot frequenta um colégio privado em Hove e só viu o Ollie uma vez ou outra, quando esbarrámos com ele na praia ou na cidade.

— A Penny não me devia tirar também uma foto nesta cena? — pergunta o Ollie, depois de conseguir chegar ao fim do seu discurso. Ainda está a falar com o sotaque americano falso — que anda a treinar desde que lhe atribuíram o papel. Ao que parece, é o que fazem todos os atores de craveira. Chamam-lhe «representar de acordo com o método».

— Claro que sim, Ollie — diz o Tratem-me-por-Jeff. — Pen?

Pouso o telemóvel e volto a subir os degraus.

— Consegues garantir que apanhas o meu melhor lado? — sussurra-me o Ollie de debaixo do seu boné. O dele tem a palavra GARA-NHÃO escrita com brilhantes na parte da frente.

— Claro — respondo. — Hã... qual é que é mesmo o lado?

O Ollie olha para mim como se eu fosse louca.

— É que é tão difícil distinguir — sussurro, com o rosto ruborizado.

O Ollie continua de sobrolho franzido.

— É que me parecem os dois bem — digo eu, já em desespero de causa. Valha-me Deus! Que se passa comigo? Quase consigo ouvir o Elliot a guinchar de horror. Felizmente, por esta altura o Ollie começa a sorrir. O que lhe dá um ar bastante arrapazado e muito mais acessível.

— É o meu lado direito — diz ele, virando-se de frente para a rulote.

— Estás a falar... hã... da tua direita ou da minha? — pergunto, querendo certificar-me.

— Vá lá, Pen. Não temos o dia todo! — grita o professor Beaconsfield.

— Da minha direita, claro — cicia o Ollie, olhando de novo para mim como se eu fosse demente.

Até a Megan já me franze o sobrolho. Com a cara a arder, lá tiro a fotografia. Não faço nenhuma das coisas que costumo fazer, como verificar a luminosidade, ou o ângulo, ou seja o que for. Limito-me a carregar no botão e a sair dali para fora aos tropeções.

Quando termina finalmente o ensaio — e depois de eu ter sabido pelo Elliot que o Shakespeare tinha apenas 18 anos quando se casou e que escreveu um total de 38 peças —, vamos em grupo até ao JB's Diner para beber batidos e comer batatas fritas.

À chegada à beira-mar, o Ollie começa a caminhar ao meu lado.

— Como é que estás? — pergunta com a sua pronúncia falsa de Nova Iorque.

— Hum... bem, obrigada — respondo, com a língua a dar um nó instantâneo. Agora que já se livrou da indumentária de Romeu delinquente, ainda está com melhor aspeto. Tem o cabelo louro à surfista despenteado na perfeição e os seus olhos azuis reluzem como o mar à luz do sol de inverno. Para ser sincera, não estou inteiramente convencida de que ele faça o meu género — é capaz de ser um bocadinho perfeito demais em termos de cruzamento entre membro de *boy band* e atleta —, mas estou tão pouco habituada a merecer a atenção do menino bonito da escola que não consigo evitar sentir-me envergonhada.

— Estava aqui a pensar... — diz ele, sorrindo para mim.

Instantaneamente, a minha voz interior começa a terminar-lhe a frase: *Que gostas de fazer nos tempos livres? Porque é que eu nunca reparei decentemente em ti? Se gostarias de sair comigo?*

— ... se podia dar uma olhadela à fotografia que me tiraste? Só para me certificar de que fiquei bem.

— Ah... hã... pois. Sim, tudo bem. Mostro-ta quando chegarmos ao JB's. — É neste preciso momento que caio num buraco. Tudo bem, não é um buraco grande e eu não desapareço propriamente lá dentro nem

nada, mas a verdade é que fico com o pé preso e acabo por tropeçar para a frente — o que me faz parecer tão atraente e sofisticada como uma bêbeda de sábado à noite. É uma coisa que eu detesto em Brighton, a cidade onde vivo. Parece estar pejada de buracos que só existem para me fazer cair lá dentro! Mas consegui disfarçar e, por sorte, o Ollie não pareceu dar por nada.

À chegada ao JB's, o Ollie atira-se direitinho para o lugar ao meu lado no banco corrido. Vejo a Megan a levantar o sobrolho e sinto de imediato que fiz algo de errado. Ela tem muito jeito para me fazer sentir assim. Decido virar-me e concentrar-me nas decorações de Natal em torno do restaurante — os turbilhões de fitas de ouro e verdes e vermelhas e o Pai Natal mecânico que grita «Ho, ho, ho!» de cada vez que alguém passa por ele. O Natal é decididamente a minha época favorita do ano. Há qualquer coisa no Natal que me acalma sempre. Passado um momento, viro-me de novo para a mesa. Felizmente, a Megan está agora absorta no seu telemóvel.

Sinto um formigueiro nos dedos quando me ocorre a inspiração para uma publicação no blogue. Às vezes tenho a sensação de que a escola é uma grande peça de teatro em que todos nós temos de estar sempre a desempenhar os papéis que nos são atribuídos. Na nossa peça da vida real, o Ollie não devia sentar-se ao meu lado; devia sentar-se ao lado da Megan. Eles não andam juntos nem nada, mas é ponto assente que os dois se encontram no mesmo patamar da escada social. E a Megan *nunca* cai em buracos. Parece limitar-se a deslizar pela vida, fazendo beicinho e exibindo o seu cabelo lustroso cor de castanha. As gémeas deslizam para o banco corrido ao lado da Megan. Elas chamam-se Kira e Amara. Têm papéis sem falas na peça, e é mais ou menos assim que a Megan as trata na vida real — como suplementos ao seu papel principal.

— Posso trazer-vos alguma coisa para beber, meninos? — pergunta uma empregada, aproximando-se da nossa mesa com um bloco de notas e um sorriso.

— Isso era altamente! — diz o Ollie em voz muito alta, com o seu sotaque americano fingido, e eu não consigo evitar encolher-me.

Todos pedimos batidos — menos a Megan, que pede uma água mineral — e depois o Ollie vira-se para mim.

— Então, posso ver?

— O quê? Ah, sim.

Vasculho a minha mala à procura da máquina fotográfica e começo a passar as fotografias. Quando chego à do Ollie, entrego-lhe a máquina. Sustenho a respiração enquanto espero pela reação dele.

— Boa! — diz ele. — Ficou muito bem.

— Oh, deixa-me ver a minha — grita a Megan, tirando-lhe a máquina das mãos e carregando nos botões à maluca. Todo o meu corpo ficou tenso. Normalmente, não me importo de partilhar coisas — e até dou metade dos chocolates do calendário do Advento ao meu irmão Tom, mas com a máquina fotográfica é diferente. É o meu bem mais precioso. É a minha rede de segurança.

— Oh. Meu. Deus. Penny! — guincha a Megan. — O que é que fizeste? Parece que tenho bigode! — Bate com a máquina na mesa.

— Cuidado! — advirto.

A Megan lança-me um olhar furioso, antes de pegar na máquina fotográfica e começar a mexer nos botões.

— Como é que eu apago a minha fotografia?

Tiro-lha das mãos com um pouco de força a mais e uma das suas unhas falsas fica presa na alça.

— Au! Partiste-me a unha!

— E tu podias ter-me partido a máquina.

— É só isso que te importa? — A Megan olha-me com um ar furioso do outro lado da mesa. — Não tenho culpa de que tenhas tirado uma fotografia tão horrível.

Na minha cabeça, forma-se uma resposta: *Não tenho culpa de que me tenhas obrigado a tirá-la assim por causa da tua borbulha.* Mas impeço-me de o dizer.

— Deixa-me ver — diz o Ollie, tirando-me a máquina.

Quando ele começa a rir-se e a Megan me olha com mais fúria ainda, sinto um aperto que me é familiar a apoderar-se da minha garganta. Tento engolir, mas é impossível. Sinto-me encurralada no banco corrido. *Por favor, que não aconteça outra vez,* imploro em silêncio. Mas acontece. Um calor abrasador atravessa-me o corpo e eu mal consigo respirar. As fotografias de estrelas de cinema que forram a parede parecem todas começar subitamente a fitar-me. A música da *jukebox* torna-se

de repente demasiado alta. As cadeiras vermelhas, excessivamente brilhantes. Faça o que fizer, parece que não consigo controlar o meu próprio corpo. Sinto as palmas das mãos transpiradas e o coração começa a acelerar.

«Ho, ho, ho!», grita o Pai Natal mecânico à porta. Mas já não me parece alegre. Parece-me ameaçador.

— Tenho de ir — digo baixinho.

— Então e a fotografia? — lamuria-se a Megan, lançando o lustroso cabelo escuro por cima do ombro.

— Eu apago-a.

— E o teu batido? — pergunta a Kira.

Tiro dinheiro da carteira e deixo-o em cima da mesa, na esperança de que não reparem nos meus dedos trémulos.

— Um de vocês que o beba. Acabei de me lembrar de que tenho de ajudar a minha mãe com uma coisa. Preciso de ir para casa.

O Ollie olha para mim e, por um segundo, acho que ele até parece dececionado.

— Amanhã vens à cidade? — pergunta ele.

A Megan lança-lhe um olhar furioso do outro lado da mesa.

— Acho que sim. — Sinto-me tão quente que até tenho a visão turva. Preciso de sair dali, já. Se me mantiverem encurralada naquele banco durante muito mais tempo, tenho a certeza de que vou desmaiar. Preciso de todas as minhas forças para não gritar ao Ollie para que saia da frente.

— Fixe. — O Ollie desliza para fora do banco corrido e devolve-me a máquina fotográfica. — Talvez nos encontremos, então.

— Sim.

Uma das gémeas, não sei dizer qual delas, começa a perguntar se estou bem, mas eu não paro para lhe responder. De alguma forma, consigo sair do restaurante e ir para o pé do mar. Oíço o guincho de uma gaivota seguido de uma gargalhada estridente. Um grupo de mulheres cambaleia na minha direção, todas com bronzeados falsos e saltos altos. Estão vestidas com t-shirts cor-de-rosa Barbie, embora seja dezembro, e uma delas tem uma corrente de chapas de Escolas de Condução à volta do pescoço. Resmungo para dentro. É outra coisa que detesto no facto de viver em Brighton — a forma como é invadida por festas de despedida

de solteiro todas as sextas-feiras à noite. Atravesso a estrada de rom-pante e encaminho-me para a praia. O vento é gelado e fresco, mas é exatamente disso que eu preciso. Fico parada sobre os seixos molhados a contemplar o mar, à espera de que as ondas, que rebentam e se enrolam de volta ao mar, convençam a minha pulsação a voltar ao normal.

★ ★ Capítulo Dois ★ ★

Para a maioria das raparigas, chegar a casa e encontrar a mãe a posar nas escadas com um vestido de noiva seria um acontecimento aberrante. Para mim, é a norma.

— Olá, minha querida — diz a minha mãe, assim que entro pela porta da frente. — O que é que achas? — Encosta-se ao corrimão e estende um braço, com os longos caracóis acobreados a cair-lhe em cascata sobre o rosto. O vestido de noiva é cor de marfim e ao estilo imperial, com um debrum de flores de renda à volta do pescoço. É lindo, mas eu ainda me sinto tão abalada que só consigo assentir com a cabeça. — É para o casamento com o tema de Glastonbury — explica a minha mãe, descendo as escadas para me dar um beijo. Como sempre, cheira a óleo de rosas e patchouli. — Não adoras? Não achas que grita *flower power*?

— Hmm — respondo. — É giro.

— Giro? — A minha mãe olha para mim como se eu estivesse louca. — Giro? Este vestido não é só giro, é... é majestoso... é divino.

— É um vestido, minha querida — interpõe o meu pai, a caminho do corredor. Sorri para mim e levanta as sobranceiras. Eu também levanto as sobranceiras. Fisicamente, posso ser mais parecida com a minha mãe, mas em termos de personalidade sou muito mais como o meu pai. Mais terra a terra! — Tiveste um bom dia? — pergunta ele, ao mesmo tempo que me dá um abraço.

— Passou-se — respondo, desejando de repente ter outra vez cinco anos e poder simplesmente aninhar-me no colo dele e pedir-lhe que me leia uma história.

— Passou-se? — O meu pai dá um passo atrás e olha para mim com atenção. — Passou-se bem ou passou-se mal?

— Bem — digo eu, não querendo criar mais drama.

Ele sorri.

— Ainda bem.

— Consegues dar uma ajuda na loja amanhã, Pen? — pergunta a minha mãe, enquanto se mira ao espelho do corredor.

— Claro que sim. A que horas?

— São só umas duas horas durante a tarde, enquanto eu estiver no casamento.

Os meus pais têm um negócio de organização de casamentos chamado Amar-te e Respeitar-te, que tem a sua sede numa loja na cidade. A minha mãe começou o negócio após desistir da carreira de atriz para ter o meu irmão Tom e depois me ter a mim. Especializou-se em temas pitorescos. Especializou-se também em experimentar todos os vestidos de noiva que tem em armazém. Acho que sente a falta de usar os fatos dos seus tempos de representação.

— Quanto tempo falta para o jantar? — pergunto.

— Uma hora, mais ou menos — responde o meu pai. — Estou a fazer empadão.

— Altamente! — Sorrio-lhe e começo a sentir-me um bocado mais humana. O empadão do meu pai é espetacular. — Vou só lá acima num instante.

— Está bem — respondem os meus pais em uníssono.

— Ah! Já não morremos hoje! — grita a minha mãe, beijando o meu pai na face.

Subo o primeiro lanço de escadas e passo pelo quarto dos meus pais. Ao chegar ao quarto do Tom, oiço a batida seca do *hip-hop*. Dantes, eu odiava estar sempre a ouvir a música dele, mas, agora que ele foi para a universidade, já gosto, porque é sinal de que está em casa de férias. Desde que se foi embora, sinto mesmo saudades dele.

— Olá, Tom-Tom — chamo por ele ao passar à sua porta.

— Olá, Pen-Pen — grita ele em resposta.

Vou até ao fim do patamar e começo a subir mais um lanço de escadas. O meu quarto fica mesmo no cimo da casa. Apesar de ser muito mais pequeno que os outros quartos, eu adoro-o. Com o teto inclinado

e as vigas de madeira, é verdadeiramente acolhedor e aconchegante, e fica tão lá em cima que eu até consigo ver uma linha azul-escura de mar no horizonte. Mesmo quando está escuro lá fora, só de saber que o mar lá está já me acalma por dentro. Acendo a corrente de luzinhas de Natal que pende do espelho no toucador e duas velas com cheiro a baunilha. Depois sento-me em cima da cama e respiro fundo.

Agora que já estou de novo em casa, sinto-me finalmente em segurança para pensar no que sucedeu no restaurante. Foi a terceira vez que me aconteceu uma coisa daquelas, e eu sinto uma bola de terror a crescer-me no fundo do estômago. Da primeira vez, tive esperança de que fosse uma vez sem exemplo. Da segunda, que fosse só azar. Mas agora que aconteceu de novo... Sinto calafrios e tremores debaixo do edredão. À medida que o meu corpo começa a aquecer, tenho um vislumbre aleatório do passado, de quando eu era uma miúda pequena e a minha mãe me fazia uma tenda com cobertores, para eu brincar lá dentro. Eu ficava deitada na tenda com uma pilha de livros e a minha lanterna e passava ali horas a ler. Adorava ter aquele pequeno esconderijo do mundo. Estou quase a fechar os olhos e a aninhar-me mais para dentro do edredão, quando oiço três sonoras batidas na parede do meu quarto. É o Elliott. Destapo-me e bato duas vezes em resposta.

Durante toda a vida, eu e o Elliot fomos vizinhos do lado. E não só somos vizinhos do lado, como somos vizinhos *do quarto ao lado*, o que é verdadeiramente fixe. Há uns anos, inventámos o nosso código de batidas na parede. Três vezes significa: «Posso ir aí?» Duas vezes quer dizer: «Sim, anda já.»

Levanto-me, dispo rapidamente o uniforme da escola e visto o meu macacão para dormir de leopardo-das-neves. O Elliot detesta macacões para dormir. Diz que a pessoa que os inventou devia ser pendurada pelos atacadores, de cabeça para baixo, no Pontão de Brighton, mas a verdade é que o Elliott liga demasiado à moda. Não é que seja um escravo da moda. Ele tem é jeito para conjugar coisas completamente ao acaso e fazer com que fiquem espetaculares. Eu adoro tirar fotos ao estilo dele.

Quando oiço a porta de casa dele a bater, olho rapidamente para o espelho do toucador e suspiro. Quase todas as vezes que olho para lá, suspiro. É uma espécie de ato reflexo. *Olhar para o espelho — suspirar. Olhar para o espelho — suspirar.* Desta vez não suspiro por causa

das minhas sardas e do modo como me tapam a cara como se fossem as manchas de um ovo em miniatura — a verdade é que não consigo vê-las à luz da vela. Desta vez suspiro por causa do meu cabelo. Porque é que quando a brisa marítima despenteia o cabelo do Ollie ele fica superquerido, mas quando despenteia o meu parece que eu meti os dedos numa tomada? Dou uma escovadela rápida nos caracóis, o que só os deixa ainda mais frisados. Já é suficientemente mau ter o cabelo ruivo — o Elliott insiste que é louro morango (é decididamente mais morango do que louro) —, mas se, pelo menos, estivesse sempre lisinho, como o da Megan, já era qualquer coisa. Desisto da escova. O Elliot não se vai ralar. Já me viu com gripe e sem poder lavar o cabelo durante uma semana.

Oiço a campainha da porta e a minha mãe a falar com o Elliot. Ele vai adorar o vestido de noiva. O Elliot adora a minha mãe. E a minha mãe adora-o, tal como toda a minha família. Para dizer a verdade, ele foi praticamente adotado por nós. Os pais do Elliot são advogados. Trabalham os dois no duro e, mesmo quando estão em casa, costumam estar a investigar um caso ou outro. O Elliot está convencido de que foi trocado à nascença e que o mandaram para casa com os pais errados. Eles simplesmente não o entendem. Quando ele se assumiu perante eles, o pai disse-lhe: «Não te preocupes, filho. De certeza que é só uma fase.» Como se ser homossexual fosse uma coisa que pudesse passar!

Oiço os pés do Elliot a estrondear nas escadas e a porta a abrir-se de rompante.

— Lady Penelope! — grita ele. Traz vestido um fato *vintage* às risquinhas com suspensórios e uns ténis *Converse* vermelhos-vivos. Isto é ele vestido de modo informal.

— Lorde Elliot! — grito em resposta. (Passámos a maior parte do fim de semana passado a ver temporadas completas da série *Downton Abbey*.)

O Elliot fita-me através dos óculos de armação preta.

— Pronto, o que é que se passa?

Abano a cabeça e rio-me. Há alturas em que podia jurar que ele consegue ler-me a mente.

— Como assim?

— Estás muito pálida. E vestiste esse macacão hediondo. Só vestes isso quando te sentes deprimida. Ou tens trabalhos de casa de Física.

— Vai dar ao mesmo — digo eu com uma gargalhada, para depois me sentar na cama.

O Elliot senta-se ao meu lado, com um ar preocupado.

— Eu... eu tive mais uma daquelas cenas de pânico esquisitas.

Ele põe o braço esguio à volta dos meus ombros.

— Não pode ser. Quando? Onde?

— No JB's.

O Elliot funga de modo sarcástico.

— Ah, não é de espantar. A decoração daquilo é péssima! Mas a sério, o que é que aconteceu?

Lá lhe expliquei, sentindo-me mais envergonhada a cada palavra. Agora parece tudo tão trivial e tolo.

— Não sei porque é que te dás com a Megan e o Ollie — diz o Elliot, quando chego ao final da minha história miserável.

— Não são assim tão maus — respondo, pouco convicta. — Sou eu. Porque é que estou sempre a enervar-me tanto com as coisas? Quer dizer, da primeira vez ainda percebi, mas hoje...

O Elliot inclina a cabeça para um lado, como sempre faz quando se põe a pensar.

— Se calhar devias escrever sobre isso no blogue.

O Elliot é a única pessoa que sabe do meu blogue. Contei-lhe logo no início, porque *a)* posso confiar nele para tudo e *b)* ele é a única pessoa com quem posso ser completamente eu mesma, por isso não há nada no blogue de que ele já não saiba.

Franzo-lhe o sobrolho.

— Achas? Não seria um bocadinho pesado?

O Elliot abana a cabeça.

— Nem por sombras. E escrever sobre isso podia fazer-te sentir melhor. Talvez ajudar-te a compreender. E nunca se sabe se alguma das tuas seguidoras não terá já passado pelo mesmo. Lembras-te daquela vez que escreveste acerca de seres desastrada?

Assenti com a cabeça. Há cerca de seis meses, escrevi no blogue sobre ter caído de cabeça num caixote do lixo e, no espaço de uma semana, as minhas seguidoras subiram de 202 para pouco menos de 1000. Nunca tinha tido tantas partilhas. Nem comentários. Ao que parece, não sou a única adolescente nascida com um gene desastrado.

- Pode ser que sim...
- O Elliot olha para mim e sorri.
- Lady Penelope, eu *sei* que sim.

15 de dezembro

Socorro!

Olá, malta!

Muito obrigada por todos os vossos comentários acerca das minhas fotografias do Snooper's Paradise — fico contente por gostarem tanto como eu da singularidade daquele lugar.

O *post* desta semana é muito difícil de escrever, porque se refere a uma coisa verdadeiramente assustadora que me aconteceu — que me *está* a acontecer. Quando comecei este blogue, disse que iria ser sempre totalmente sincera, mas nessa altura não fazia ideia de que o **Miúda Online** fosse ter a projeção que teve. Não posso crer que tenho atualmente 5432 seguidoras — muito obrigada! E embora a ideia de me abrir acerca deste assunto com todas vocês seja aterradora, o Wiki acha que pode fazer-me sentir melhor, portanto, cá vai.

Há uns tempos, sofri um acidente de automóvel. Está tudo bem — ninguém morreu, nem nada. Mas, ainda assim, foi uma das piores experiências da minha vida.

Eu regressava a casa de carro com os meus pais numa daquelas noites chuvosas em que a água parece vir na nossa direção como uma onda. O meu pai pôs os limpa-para-brisas a funcionar a uma velocidade que parecia de 100 quilómetros por hora, mas nem assim fazia diferença. Parecia que estávamos a atravessar um tsunami. Tínhamos acabado de entrar numa auto-estrada com duas faixas quando um carro se atravessou à nossa frente.

Não tenho bem a certeza do que aconteceu a seguir — acho que o meu pai tentou travar e guinar, mas a estrada estava tão molhada e escorregadia que fomos a derrapar até ao separador central. E aí o nosso carro capotou!

Não sei como é com vocês, mas eu só tinha visto aquilo acontecer em filmes. E nos filmes, logo a seguir ao carro capotar, este costuma explodir ou ser colhido por um camião ou coisa parecida, portanto a única coisa que me ocorria era: *Vamos morrer*. Eu não parava de chamar pela minha mãe e pelo meu pai, sem saber se eles estavam bem, e eles não paravam de chamar por mim, mas eu não conseguia chegar a eles. Estava encurralada, sozinha, virada de pernas para o ar, na parte de trás do carro.

Felizmente, não morremos. Um senhor muito simpático viu o que aconteceu e parou o carro para nos ajudar. E depois, quando chegaram os serviços de emergência, eles também foram amorosos. Fomos levados a casa num carro da polícia e ficámos sentados no sofá a beber chá com açúcar debaixo dos edredões até o nascer do sol. E agora tudo voltou praticamente ao normal. Os meus pais já quase não falam no acidente e nós temos um carro sem batidas e novinho em folha parado no caminho de acesso à casa. Toda a gente me diz: «Tens tanta sorte por não te teres magoado.» E tenho mesmo. Eu sei disso. Mas a questão é que, embora não tenha ficado com golpes e nódoas negras visíveis, sinto que algo dentro de mim se partiu.

Nem sequer sei se um acidente daqueles pode provocar isto, mas eu não paro de ter uns ataques de pânico esquisitos. Se alguma coisa me enerva e eu sinto que não consigo fugir, começo a sentir o mesmo que senti quando estava presa no carro. O meu corpo aquece e eu fico toda a tremer, e parece que não consigo respirar. Já me aconteceu três vezes — por isso tenho muito medo de que continue a acontecer. E não sei o que fazer.

Espero que não se importem de que eu escreva sobre isto. Prometo que na próxima semana volto ao meu eu normal. Prometo que haverá carradas de fotos apetitosas da Choccywoccydoodah! Mas, se alguma de vocês já tiver passado por qualquer coisa parecida com o que descrevi e tiver alguma dica para fazê-lo parar, publique na caixa de comentários em baixo, por favoooooor. Já é suficientemente mau ser *a Pessoa Mais Desastrada do Universo*. Não quero ser também a com maior pânico!

Obrigada!

A Miúda Online fica offline xxx

Penny tem um segredo.

Penny é uma jovem igual a tantas outras que, sob o pseudónimo de «Miúda Online», partilha num blogue os seus sentimentos sobre amigas, rapazes, as loucuras da sua família e a dura realidade dos seus ataques de pânico cada vez mais frequentes. Quando as coisas pareciam não poder piorar, Penny é arrastada pela família para Nova Iorque, onde acaba por conhecer Noah: um jovem americano, guitarrista, lindo de morrer. E assim, sem qualquer aviso, Penny apaixona-se e vai partilhando online todos os momentos do seu novo amor.

Mas Noah também tem um segredo, que pode revelar a verdadeira identidade de Penny, e afastá-la do seu maior amigo para sempre.



@ZOZEBO WWW.ZOELLA.CO.UK

Zoe Sugg, ou *Zoella*, escreve histórias desde muito pequena. O seu blogue sobre beleza e moda e os vídeos no YouTube têm milhões de seguidores espalhados pelo mundo.



Veja o vídeo de apresentação deste livro.

www.topseller.pt



TOPSELLER
livros que se devoram

2020 editora

ISBN 978-989-8800-12-1



9 789898 800121

Romance contemporâneo